

IGREJA DO SENHOR SALVADOR DO MUNDO: PRESERVAÇÃO, VALORIZAÇÃO E (RE)INTEGRAÇÃO NA COMUNIDADE

CHURCH OF SENHOR SALVADOR DO MUNDO: PRESERVATION, VALORIZATION AND (RE)INTEGRATION IN THE COMMUNITY

Carolina Subtil Pereira

(CHAM-NOVA/FCSH)

anacarolinasubtilpereira@gmail.com

Paula Cassiano

(Investigadora independente)

paula.cassiano@gmail.com

Resumo

É possível traçar a história da região de Almoester, Alvaiázere, a partir do século XIII. Estando ligado ao Mosteiro de Lorvão e, depois, ao Colégio de São Paulo de Coimbra, este território chegou a ser alvo de disputa entre entidades e particulares ao longo dos séculos. A «Igreja Velha» de Almoester está intimamente relacionada com a história da região onde está implantada e, até à década de setenta do século XX, foi parte integrante e importante da vida da comunidade.

A construção de uma nova igreja paroquial e a venda da antiga igreja a particulares, ditaram a sua deterioração e a ruína em que se encontrou até 2019. Nesse ano, uma iniciativa da autarquia local, que pretendia reabilitar o edifício e salvaguardar aquilo que restava da velha igreja, obteve financiamento de fundos europeus de modo a proceder à sua (re)integração na comunidade. Passados cinco anos, este projeto é agora um exemplo a nível local e regional, nos âmbitos patrimonial, arquitetónico e museológico.

É inegável a importância da herança religiosa local para a definição de uma comunidade e dos seus comportamentos coletivos. A reabilitação de um edifício que, até há poucas décadas, tinha uma importância central no quotidiano comunitário, torna-se relevante no sentido em que ajuda a moldar a memória coletiva popular, além de se assumir como um importante veículo para a educação patrimonial não-formal.

Palavras-chave: património cultural; conservação; sustentabilidade; educação patrimonial

Abstract

It is possible to trace the history of Almoester, Alvaiázere from the 13th century onwards. Being linked to the Monastery of Lorvão and later to the College of São Paulo in Coimbra, this territory became subject of dispute between entities and individuals over the centuries. The «Igreja Velha» of Almoester is closely related to the history of the region where it is located. Until the 1970s, it was a vital and important part of the community life.

The construction of a new parish church, as well as the sale of the old church to a cooperative and later to the local Parish Council led to its deterioration and ultimately its ruin. It remained in this condition until 2019. That year, an initiative by the local authority - which intended to rehabilitate the building and safeguard what was left of the old church - obtained support from European funds in order to proceed with its (re)integration into the community. Five years later, this project is now an example both at local and regional level, in terms of heritage and architecture.

The importance of religious local heritage for defining a community and its collective behavior is undeniable. The rehabilitation of a building that a few decades ago had a central importance in the daily life of the community, becomes relevant in the sense that it helps to shape the popular collective memory, in addition to assuming itself as an important vehicle for non-formal heritage education.

Keywords: cultural heritage; preservation; sustainability; heritage education

Introdução

A freguesia de Almoester situa-se no extremo poente do concelho de Alvaiázere, Leiria, implantada num vale fértil atravessado por um curso de água, que ainda hoje serve a comunidade. Esta freguesia rural, onde as atividades agrícolas e florestais são a principal forma de subsistência, tem cerca de 600 habitantes (INE, 2022).

Foi esta pequena aldeia que nos últimos anos assistiu a uma importante obra arquitetónica que permitiu a preservação e reconstrução das ruínas da antiga igreja paroquial, que se encontravam num estado de degradação total. Dessa forma, o edifício renovado tornou-se um centro de interpretação histórica onde o passado e o presente se cruzam numa perspetiva de sustentabilidade futura. A «Igreja Velha» de Almoester tornou-se então um importante exemplo de sucesso na recuperação de edifícios históricos na região e mesmo em todo o país. A comunicação social apelidou-a até de «O ‘milagre’ da recuperação da igreja perdida» (Luz, 2022).

Almoster ao longo dos séculos

Rastrear o(s) poder(s) de influência de Almoster ao longo do tempo não é uma tarefa simples, já que diversas entidades externas demonstraram interesse pelo território, essencialmente devido à existência de uma capela e de uma estalagem, que eram uma fonte de rendimento.

Almoster assumiu-se sempre como um local de passagem de viajantes, peregrinos e transeuntes uma vez que o seu território era atravessado pela antiga estrada que ligava Ansião à Freixianda, que conferia um movimento significativo à aldeia e justificava a existência de tal estalagem (Fig. 1).

As informações mais antigas que encontramos sobre Almoster datam do século XIII, quando o território estava na posse do Mosteiro do Lorvão, situado a cerca de 70 km a norte do território de Almoster. Em poucas décadas, porém, a administração passou para a Coroa (1266), que sucessivamente a transferiu para as mãos de vários particulares, como se pode verificar no gráfico seguinte (para uma cronologia completa cfr. Portela, 2017).

Ao longo das décadas seguintes, a Coroa manteve alguma influência no território almosterense através de donativos a entidades que se comprometeram a melhorar tanto a capela como a estalagem. O Mosteiro de Lorvão, no entanto, nunca deixou de ter autoridade e interesse naquela região, já que no século XVII o mosteiro ainda recebia as rendas sobre a igreja paroquial de Almoster.



Fig. 1 - Pier Maria Baldi, *Estalagem da Gaita* em Almoster, 1699.

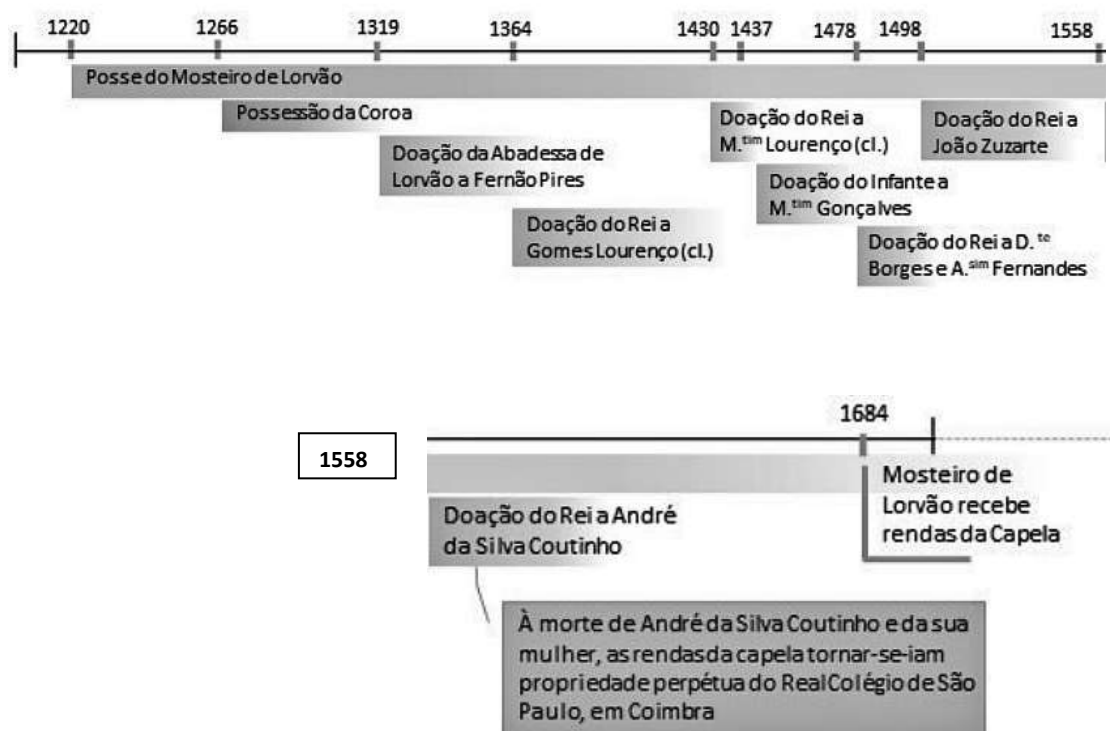


Fig. 2 - Cronologia administrativa de Almoester

Em 1558, o rei português D. Sebastião doou a capela de Almoester a André da Silva Coutinho e à sua mulher, uma vez que o antigo administrador havia falecido. Segundo os documentos de fundação do Real Colégio de São Paulo em Coimbra, porém «Tinha mandado o Sereníssimo Fundador [D. João III] aplicar, e unir para sempre ao Collegio de S. Paulo a Capella de S. Salvador de Almoester» (Portela, 2017: 98). Ao tomar conhecimento disto, D. Sebastião decidiu então que, à morte de André da Silva Coutinho e de sua mulher D. Francisca de Castro, a administração e os rendimentos da capela passariam a ser propriedade perpétua do Real Colégio de São Paulo.

As doações deste território a particulares ou instituições da confiança do rei permitiram a descentralização administrativa, numa relação simbiótica benéfica para ambas as partes:

«o senhor, fosse ele um indivíduo leigo (um nobre) ou uma entidade eclesiástica (sé, casa religiosa...), desempenhava assim um conjunto de funções que iam desde a produção agrícola até à aplicação da justiça, à cobrança de tributos ou à organização da defesa e da segurança dos que habitavam o senhorio. Delegada pelo rei ou apropriada pelo senhor, esta autoridade impunha-se localmente num quadro em que o poder central estava distante ou era frágil.» (Ramos et al., 2009: 65).

No início do século XVIII, em 1713, parece haver algumas disputas relativamente à posse de terrenos entre o Real Colégio de São Paulo e o Mosteiro de Lorvão, uma vez que a capela administrada pelo Real Colégio confinava com as terras do Mosteiro. Em 1721 no manuscrito «Notícias das Villas e lugares da comarca de Coimbra», esclarece-se que:

«Em este Conselho de Almoester ha hum Capella [...] de que he perpetuo administrador o Real Collegio de Sam Paulo da Cidade de Coimbra por merçe que lhe fizeram os Senhores Reis antigos deste Reino [...] e ao dito Collegio pagam todos os moradores do dito Conselho reçam de pam vinho e linho (...). Da Igreja Parochial aonde ouuem missas os moradores deste Conselho he padroeiro o Senhor Saluador do Mundo e fabrica mayor della a Madre Abbadeça do Real Conuento de Loruam e como tal apresenta em a dita Igreja os Prochos e he senhora dos dízimos dessa freguesia» (Portela, 2017: 100).

Dessa forma, entende-se que no século XVIII as duas entidades obtinham rendimentos pagos pelos habitantes de Almoester: o Real Colégio recebia todos os anos uma porção de pão, vinho e linho; e ao mesmo tempo o Mosteiro de Lorvão recebia os dízimos dos fregueses. Estas duas entidades foram, portanto, os dois principais impulsionadores do desenvolvimento desta pequena aldeia até à contemporaneidade.

Igreja do Senhor Salvador do Mundo: o edifício na comunidade

A antiga Igreja Paroquial de Almoester, construída possivelmente no século XVII, é caracterizada por uma planta longitudinal outrora composta por capela-mor, sacristia e nave retangular (Fig. 3). Na parede esquerda existem duas portas que davam acesso ao coro alto e ao púlpito, bem como um pequeno nicho; o lado oposto é caracterizado por três aberturas (dois janelões com gradeamento em ferro e uma porta, ambos de molduras retas) e um arco pleno em cantaria decorado com motivos geométricos (losangos) esculpidos.

Parte das paredes eram decoradas por um conjunto de azulejos hispano-mouriscos inspirados num padrão de alicatado formado por motivo radial, alternando motivos geométricos (estrelas, losangos) de diferentes cores (azul, negro, branco e amarelo) que datam do ano de 1503 e são da autoria de Fernan Martínez Quijarro e Pedro Herrera, com oficina em Sevilha (Loureiro, 1992).

A igreja possuía altares com particularidades maneiristas e neoclássicas (Fig. 4a) de extraordinária beleza, de onde se destacava a figura de Senhor Salvador do Mundo, entre outras. A porta que daria acesso à sacristia, de moldura reta em cantaria (Fig. 4b) era caracterizada por uma decoração em relevo formando motivos vegetalistas (flores) e motivos geométricos (losangos com flores ao centro), bem como corações.

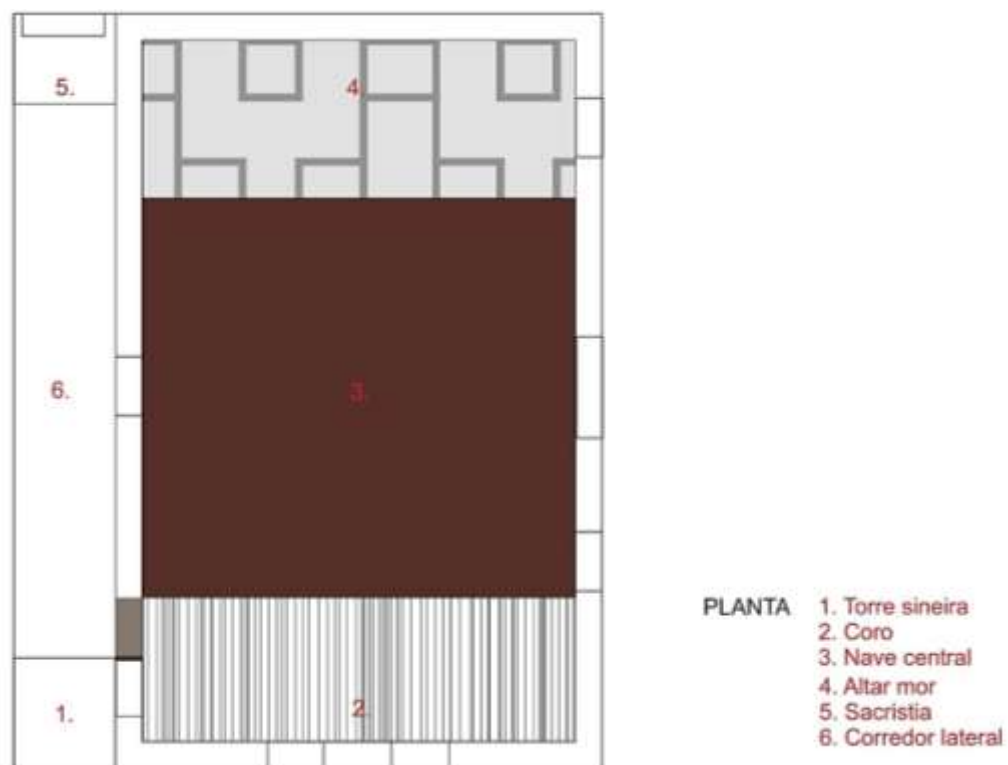


Fig. 3 - Planta da «Igreja Velha» de Almôster



Fig.4 - Ruínas da *Igreja Velha*: (a) arco de cantaria do altar-mor (à esquerda) e (b) porta de acesso à sacristia (à direita), com moldura decorada por motivos vegetalistas e geométricos. (Fonte: arquivo do autor).

Após a construção da Igreja, o edifício tornou-se parte fundamental da vida comunitária (Fig.5), já que na altura a religião católica em Portugal estava inscrita na ruralidade e na tradição, sendo amplamente professada pela comunidade local. Além disso, a vida pública centrava-se na igreja paroquial: em torno dela construía-se casas, o toque do sino pautava o dia-a-dia da aldeia e o padre tinha uma importância central na vida e na moral da população, garantindo a permanência das normas sociais estabelecidas (Coutinho, 2019: 59). Numa época em que não existia separação entre a Igreja e o Estado, a igreja paroquial influenciava a vida dos indivíduos desde a cerimónia do batismo ao rito fúnebre, passando pela celebração do casamento, pelas missas semanais ou pelos dias festivos de celebração dos santos católicos.



Fig.5 - Vista geral da *Igreja Velha* (c. 1960) (Fonte: SIPA FOTO.00793855. Disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00023007)

No dealbar do século XIX, o quotidiano da aldeia foi perturbado por questões políticas internacionais. Em 1806, Napoleão impôs o *Bloqueio Continental*, decretando o fecho dos portos de todos os países europeus ao comércio inglês. Mas Portugal, que estava dependente dos britânicos a vários níveis e que sempre tinha preservado boas relações com este país, não acatou esta imposição francesa. Como resultado, entre 1807 e 1811,

Portugal foi invadido por hordas militares francesas, que deixaram um rasto de destruição por todo o território.

A região de Alvaiázere foi profundamente afetada: as aldeias ficaram despovoadas à medida que os habitantes foram obrigados a abandonar as suas casas e a refugiarem-se nas montanhas ou em regiões mais seguras; os exércitos franceses destruíram colheitas e provisões alimentares, através de incêndios ou pilhagens; os populares foram ameaçados, injuriados e, em alguns casos, assassinados. A igreja paroquial de Almoester também foi afetada, como confirma uma carta do Cura paroquial, datada de 20 de junho de 1811:

«A Igreja foi “roubada pelos Inimigos de tudo o que era precioso, como dois cálices, únicos que havia, o vaso do sacrário, a custódia, as cruzes do povo e do Santíssimo Sacramento, tudo de prata, todos os corporais, alvas e toalhas, algumas estolas, todos os cordões, o Livro dos Óbitos e Casamentos e mais Livros das Confrarias”. Umas e outras “coisas furtaram e queimaram”. Também desapareceu “o Relicário, Turíbulo, e naveta, a lâmpada do Santíssimo Sacramento e um [...] Missal”».» (Rodrigues, s.d.: 391-392).

Os danos perpetrados pelas forças invasoras levaram a extensas intervenções arquitetónicas na capela durante o século XIX. No século seguinte, porém, o edifício deixaria de ser utilizado para fins religiosos.

Nos anos 1950, devido à degradação e aos danos causados pela humidade, foram iniciadas diligências para a construção de um novo espaço de culto. A construção de uma nova igreja paroquial ficou concluída na década de 1960, altura em que a Igreja do Senhor Salvador do Mundo foi desafeta do culto: terminava assim a influência deste monumento como elemento fundamental da vida na freguesia de Almoester. A consequente degradação desta igreja agravou-se com a sua venda a uma cooperativa, à utilização imprópria das suas instalações (nomeadamente como garagem, armazéns de farinha ou de material avícola) e ainda devido à destruição da torre sineira para a construção de um anexo-armazém. Em 1996, um incêndio que deflagrou nestes armazéns contribuiu em mais larga escala para a sua deterioração (Fig.6b).

Embora a comunidade tenha aprovado a construção de uma nova igreja, os habitantes nunca concordaram com a venda do antigo edifício a particulares, nem com a sua utilização como armazém. Ao longo dos anos, a situação causou um aumento da indignação pública que atingiu os meios de comunicação.

Atendendo aos desejos da população, em 1997, a Junta de Freguesia voltou a tomar posse sobre o imóvel através da sua compra, com o intuito de repor o seu valor patrimonial. No entanto, três décadas de má gestão criaram danos externos de difícil resolução. Em 2005 foram realizadas algumas obras para evitar a degradação estrutural das paredes, mas questões financeiras impediram a continuação das intervenções no edifício.



Fig. 6 - Vista geral do edifício: (a) em c. 1960, usado como Igreja Paroquial e ainda com a sua torre sineira e (b) por volta do ano 2000, as ruínas da mesma igreja com um armazém no local onde se encontrava a torre sineira. (Fontes: (a) SIPA FOTO.00793856. Disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00023007, (b) arquivo do autor).



Fig. 7 - Manchete num jornal local
(Fonte: Jornal «Diário Popular», 12 de janeiro de 1984: 10)

Dessa forma, nos últimos 20 anos pouco se fez para preservar as ruínas desta construção religiosa. A oportunidade para tal surgiu com a candidatura ao Programa de Desenvolvimento Rural 2014-2020, num projeto que pretendia requalificar o edifício e a sua envolvente, de forma a preservar a essência da antiga Igreja, mas também a redesenhá-la para se adequar às dinâmicas contemporâneas da comunidade (Junta de Freguesia de Almôster, 2017).

Requalificação: 2019-2022

O projeto de requalificação do espaço onde se insere a «Igreja Velha» visou a criação de um Centro Interpretativo através de um pequeno ecomuseu onde os membros da comunidade se pudessem tornar «atores» dos seus próprios costumes e tradições, criando um espaço de cultura e de lazer para todos os habitantes, mas também capaz de captar o interesse de terceiros.

O objetivo fundamental desta candidatura passou pela conceção de um local que explicasse a história da aldeia, mantendo a sua memória cultural e religiosa, sem desvirtuar a essência do edifício que em tempos existiu, por meio de uma requalificação/conservação assente na recuperação das estruturas existentes e na melhoria dos espaços envolventes; por outro lado houve também a preocupação em tornar este projeto energeticamente autossuficiente através do uso da energia solar e da potencialização do recurso hídrico existente nas proximidades do edifício que marca, ainda hoje, o quotidiano rural da aldeia e sobre o qual falaremos adiante.

Por se tratar de um conjunto arquitetónico que sofreu intervenções ao longo de vários séculos foi importante, em primeiro lugar, reconhecer os elementos a preservar. Referimo-nos, por um lado, aos componentes originais do edifício, bem como a uma sucessão de intervenções decorativas posteriores. Assim, o projeto de conservação e restauro consistiu numa recolha rigorosa e exaustiva de informação, nomeadamente sobre a sua estrutura, os materiais e componentes em madeira e ferro, a pintura e também a pedra de cantaria. Para manter a integridade dos elementos decorativos, foram utilizados materiais tão idênticos quanto possível aos já existentes, evitando-se também a remoção de constituintes que pudessem ser preservados (Fig. 8).



Fig. 8 - Requalificação: (a) antes e (b) depois. Vista da parte traseira da sacristia.
(Fonte: arquivo do autor)

A intervenção centrou-se na conservação dos elementos patrimoniais, com a consolidação das paredes existentes como forma de impedir uma maior degradação das ruínas. Para além disso, optou-se por criar uma espécie de anfiteatro no interior do edifício, através da instalação de uma «zona de palco» e de bancos (Fig. 9) com as condições necessárias para receber exposições ou recriações etnográficas.



Fig. 9 - Requalificação: (a) antes e (b) depois. Vista do interior do edifício.
(Fonte: arquivo do autor)

Desde o início, este projeto pretendeu restituir o edifício ao seu *layout* original. Assim, o prolongamento construído como armazém na década de 1970, no local onde anteriormente se situava a torre sineira (figura 6), foi demolido durante o processo de reabilitação, por se tratar de uma construção moderna, sem ligação ao edifício religioso que se intentava recuperar.

Para além dos trabalhos que se desenvolveram no interior do edifício, houve ainda uma preocupação com o espaço exterior, de modo a torná-lo coeso e em harmonia com o espaço natural envolvente, bem como com a paisagem. Foi, por isso, importante o cultivo de espécies autóctones no adro da igreja, nomeadamente a oliveira, o carvalho-português, o rosmaninho, a alfazema, entre outras espécies; foi também importante o aproveitamento do recurso hídrico existente nas proximidades para permitir a irrigação destas novas plantas.

Para isso, levou-se a cabo a reconstrução de uma levada, que se caracteriza por um sistema de canais que conduzem e desviam a água conforme as necessidades: além de ser uma forma ecológica de manutenção e regadio do jardim, é ainda um testemunho da importância deste sistema de irrigação na história da comunidade, que permite a partilha da água com os habitantes vizinhos.



Fig. 10 - A levada construída no adro da Igreja (2023).
(Fonte: arquivo do autor)

Foi ainda implementado um sistema que utiliza recursos energéticos eficientes, como a instalação de luzes LED e de painéis fotovoltaicos com autonomia, garantindo a iluminação total do monumento e da área circundante durante a noite. A utilização dos recursos hídricos e solar torna este projeto totalmente autossuficiente do ponto de vista energético.

Os painéis informativos que se encontram espalhados pelo complexo monumental e que educam sobre a história, os elementos naturais e arquitetónicos, bem como sobre as práticas culturais e costumes tradicionais, são também muito importantes para atrair visitantes e para permitir a utilização do espaço também como ponto turístico.



Fig. 11 - Utilização de recursos solares para garantir a iluminação noturna do monumento e dos painéis informativos. (Fonte: arquivo do autor)

(Re)integração na comunidade

Por definição, um ecomuseu é um instrumento concebido, moldado e operado de forma conjunta por uma autoridade pública e pela população local. O envolvimento da autoridade pública faz-se através da cedência de profissionais, de instalações e/ou de recursos que disponibiliza; o envolvimento da população depende das suas aspirações, dos seus conhecimentos e da abordagem individual de cada um (Riviere, 1985: 182).

Em linha com esta definição, o objetivo deste projeto arquitetónico não foi apenas a recuperação de um edifício e a prevenção da sua deterioração, nem tampouco o desenvolvimento turístico da zona; numa perspetiva mais abrangente, tratou-se sim de uma forma de orientar a população até ao local da antiga igreja, com vista a dinamizar a aldeia. Por essa razão, o projeto foi concebido como um modo de conectar o património à comunidade através de atividades estratégicas, nomeadamente culturais e/ou sociais, e que eventualmente também possam estar associadas a uma diversificação económica através da recuperação do artesanato tradicional e do desenvolvimento de novas atividades com ele relacionadas.

Para que esta proposta tenha as repercussões e os benefícios esperados, é fundamental que os nativos participem nestas atividades, de forma a melhorar o turismo sustentável e a prevenir a apropriação cultural e a perda de autenticidade, contribuindo ao mesmo tempo para a compreensão dos costumes locais e tradicionais. Desse modo, as iniciativas previstas no projeto incluíam visitas guiadas com cidadãos seniores que permitissem a partilha de conhecimentos entre ambas as partes, mas também workshops onde se recriariam atividades tradicionais, nomeadamente a recriação do ciclo do chicharo e do linho, a matança do porco, a descamisada, a confeção do pão, a apanha da azeitona, a moagem de cereais, a cestaria, entre outros.

Mais que resultados a curto/médio prazo, o projeto de reabilitação de um edifício que se impôs como o centro da aldeia durante vários séculos, pode também revelar-se de extrema importância para que as gerações mais jovens consigam desenvolver um sentimento de pertença à comunidade. Acreditamos que a requalificação deste monumento, por si só, não bastará para reverter a desertificação desta aldeia e de outros territórios do interior que nas últimas décadas têm vindo a perder população jovem; no entanto, a longo prazo e se incluída num plano estratégico mais vasto, a dinamização de atividades culturais e económicas que possam advir deste novo foco cultural pode levar os mais jovens «filhos da terra» a redescobrirem as suas origens, ligando-se à terra dos seus antepassados e honrando a sua memória coletiva. Entende-se assim a importância da educação cultural não-formal dirigida às crianças e às camadas mais jovens, como uma forma de perpetuar nas gerações vindouras o conhecimento sobre o património e a identidade cultural de uma região.

Este é um esforço que tem vindo a ser realizado pela autarquia em parceria com o Museu Municipal há vários anos, como exemplifica um artigo de jornal de 2015 (Fig. 12).

» Museu Municipal de Alvaiaçere

Projeto "A mão do homem" sensibilizou crianças para a educação patrimonial

O projeto "A mão do homem", coordenado pelos serviços do Museu Municipal de Alvaiaçere, teve a sua última atividade na semana em que se iniciaram as comemorações do Dia Internacional dos Museus 2015 (18 de maio).

Desta forma, alunos, professores e auxiliares do Jardim-de-Infância e EB1 da freguesia de Almoester (com o apoio do Museu e da Junta de Freguesia) após uma contextualização histórica e uma

intervenção acerca da sensibilização para a conservação patrimonial, deitaram mãos à obra e fizeram uma limpeza do espaço envolvente ao que resta da antiga Igreja da freguesia.

Outrora um dos principais símbolos religiosos do território, este gesto simbolizou a esperança e a fé de todos os que acreditam que são estas ações que ajudam a perpetuar o património e a identidade cultural da região. ■



Fig. 12 - Reportagem em jornal local sobre uma ação de sensibilização nas ruínas da Igreja Velha, direcionada às crianças em idade escolar.

(Fonte: Jornal «O Alvaiazerense», de 31 de maio de 2015: 8)

Nessa altura, e apesar de a igreja ainda não ter sofrido as obras de reabilitação, houve sempre uma constante preocupação da Junta de Freguesia para que aquele espaço não caísse no esquecimento e, portanto, ao longo do tempo foram ali realizadas inúmeras atividades dirigidas aos mais novos, de modo a que estes percebessem desde cedo a importância histórica do edifício.

Para este fim podem contribuir também em larga escala as instituições de cariz comunitário ou associativo, como são exemplo as bandas filarmónicas, os grupos de canto coral, ou mesmo as residências seniores, que podem contribuir para dinamizar as ruínas através de atuações esporádicas ou celebrações em dias festivos. Para isso, foram idealizados vários protocolos com entidades locais como um incentivo à utilização do espaço renovado.

O turismo como ativo económico

O envolvimento turístico é também determinante tanto para o incremento económico da região, como para a rentabilidade do projeto. Entende-se, em teoria, que a melhor solução para a gestão do património cultural é garantir subsídios para a sua conservação através das receitas de fruição. De facto, o turismo é a forma mais evidente de utilizar o património para fins de desenvolvimento local. No entanto, é de notar que nem todo o património imóvel é passível de gerar capital através do turismo, como é o caso de estátuas, de grutas inacessíveis ao público, de locais arqueológicos não visitáveis ou de outros monumentos com configurações idênticas. A solução ideal nestes casos é conjugar o novo espaço com atividades culturais dirigidas ao público através de

iniciativas como visitas guiadas ou espetáculos de vários tipos, que respeitem a natureza do imóvel e ao mesmo tempo o promovam e beneficiem (Gomes, 2011: 96).

A «Igreja Velha» de Almoester enquadra-se nesta categoria, e não fornece um retorno de capital à autarquia. Até ao momento, apenas ocorreram neste espaço visitas gratuitas para o utilizador. No entanto, e na nossa opinião, a importância histórica do edifício e a proximidade a outros monumentos/locais com semelhanças temporais ou contextuais conferem à «Igreja Velha» potencial para ser integrada em redes temáticas que possam trazer um maior número de visitantes. Através da inserção deste monumento em redes temático-turísticas, novos visitantes que não tenham um interesse especial por este imóvel, mas que se interessam pelo tema que aí pode ser explorado poderão ser atraídos ao local. Tendo isto em conta, o projeto de candidatura original propôs a criação de uma rede de locais temáticos por todo o concelho Alvaiázere, onde os turistas pudessem ser acompanhados e conduzidos a este e outros locais, em visitas pagas, de forma a explorar as dinâmicas sociais do meio rural. A integração do complexo monumental numa rede deste género traria uma nova perspetiva de análise sobre este edifício restaurado, mas também aumentaria a atenção mediática pela sua forte componente inovadora.

É também necessário ter em consideração as mudanças verificadas no turismo nas últimas décadas: a procura turística deixou de ser puramente cultural e urbana, e passou a ser mais proactiva e direccionada para outras formas de lazer, como é o caso do turismo rural, do agroturismo ou do turismo criativo. Os turistas já não se contentam em visitar passivamente os espaços culturais, mas procuram vivenciá-los ativamente. Os novos visitantes «want to become part of the destination's everyday dynamics and ask for active participation and greater involvement with the local community» (Remoaldo et al., 2020: 2).

O desenvolvimento destas novas formas de turismo - baseadas no saber-fazer tradicional, nos comportamentos sociais nativos e nas tradições culturais locais - e o eventual estabelecimento em Almoester de redes turísticas e de lazer semelhantes, potenciariam uma situação mutuamente benéfica entre a comunidade e o visitante. Isto é, como resultado das obras de requalificação, o antigo edifício religioso adquiriu potencial para receber mais do que visitas guiadas e exposições tradicionais; poderá também fazer parte do intercâmbio cultural entre habitantes e visitantes, promovendo uma forma dinâmica de experienciar o turismo e evitando também a desertificação das zonas rurais, uma vez que a «indústria do lazer» contribui também para o desenvolvimento indireto de outras atividades parceiras, como restaurantes, alojamento, artesanato tradicional, vida noturna, etc.

Concordamos que a reabilitação da «Igreja Velha» poderá tornar-se um fator *push* para o turismo nesta área rural (sobre os fatores *push-pull* do turismo (Uysal et al., 2008). Assim, deve ser apoiada e incentivada uma forma de turismo que respeite o enquadramento histórico do local e o estilo de vida dos habitantes e, ao mesmo tempo, dinamize o comércio local. Dependendo do tipo e variedade de atividades oferecidas, o turismo pode mesmo tornar-se o motor económico de uma região, melhorando a dinâmica de crescimento, aumentando o volume de negócios e criando empregos relacionados com esta atividade económica.

Observações finais

Em termos arquitetónicos, consideramos que o exemplo da «Igreja Velha» é um caso de sucesso que visou a recuperação do edifício tendo em conta a história do imóvel, as tradições da comunidade, mas também o estudo e investigação do monumento a longo prazo. A reabilitação sobrepôs-se à função tradicional do edifício, mas preservou a sua configuração espacial original, que se manteve quase inalterada.

Avaliando o estado de alguns edifícios históricos do território português, julgamos que a intervenção realizada nesta «igreja» merece ser enaltecida. A maior parte dos edifícios e/ou monumentos que se encontram num estado de deterioração tão avançado como estava esta «igreja», não têm oportunidade de sofrer remodelações: por vezes porque não há interesse por parte dos proprietários ou autarquias, mas as mais das vezes porque não há financiamento ou capital disponível. Além disso, ao longo dos anos, especialmente nas zonas rurais, os edifícios históricos têm sido frequentemente demolidos em vez de renovados, na medida em que se considera amiúde que os custos de manutenção dos edifícios mais antigos são mais elevados. Nem sempre é assim. Até porque numa perspetiva de desenvolvimento sustentável, os edifícios históricos poderão ser geradores de rendimento e contribuir para a diferenciação económica da comunidade, como discutimos anteriormente.

Apesar do sucesso da intervenção arquitetónica no monumento, acreditamos que este edifício tem um potencial que ainda não foi totalmente explorado. Como vimos, têm sido realizadas algumas iniciativas culturais no sentido de atrair habitantes para a antiga ruína, no entanto consideramos que ainda há muito que pode ser feito para atrair turistas e visitantes externos ao monumento. Assim, na nossa perspetiva, faz sentido apostar na criação de um percurso patrimonial devidamente sinalizado ou mesmo de uma rede de locais temáticos (como já referido), que vise a promoção da freguesia de Almoester e do próprio concelho. Esta proposta deverá basear-se num projeto integrado de coesão económica e social que inclua diversas esferas: investigação (sobre o património material e imaterial), exposições dinâmicas sobre temas etnográficos (incluindo recreações agrícolas, provas de vinhos, exposições de produtos endógenos, atuações de ranchos folclóricos e/ou cantos-corais), visitas acompanhadas ao património religioso (igrejas, capelas, ermidas e cemitérios), expedições ao património natural (para descobrir a fauna e a flora da região) e outras formas de entretenimento relacionadas com o artesanato tradicional ou ocupações regionais de longa duração. Para além de impulsionar o desenvolvimento económico, a implementação desta proposta pretende contribuir para o autoconhecimento e a autoconfiança da população, através da valorização do seu património cultural.

Perante isto, parece-nos apropriado discutir aquele que, na nossa opinião, pode ser o rumo a seguir. A região de Alvaiázere é rica em recursos naturais, históricos, arqueológicos e gastronómicos que podem tornar esta zona num destino turístico dinâmico e num local popular entre os visitantes. No entanto, é necessário criar condições para a o estabelecimento de novas empresas no segmento turístico ou de novos conceitos de exploração do território que reúnam os pontos de interesse

principais e secundários em programas dinâmicos e diversificados, adequados a todos os tipos de turismo.

Muitos municípios, especialmente nas regiões rurais, debatem-se entre a preservação do passado, honrando os seus antepassados e a adoção de medidas necessárias que almejem o futuro. A reabilitação da «Igreja Velha» de Almoster e todos os métodos e abordagens turísticas discutidas neste artigo demonstram que, após a elaboração de um plano turístico bem definido é possível criar um meio-termo entre estes dois âmbitos: por um lado conferir vitalidade à experiência patrimonial e, por outro lado, evitar a perda de identidade de um território.

Bibliografia

COUTINHO, J. P. (2019). Religiosidade em Portugal: Caracterização, comparação e evolução. *Religião & Sociedade*, 39 (3): 58-81.

GALÁN, I.; SCHOONJANS, Y. (2021). (Re) inhabit the Ruin: Adaptive Reuse of Vernacular Heritage and Cultural Landscapes as Reactivation Strategy for depopulated Territories by local Communities. The Case of Susín in Sobrepuerto, at Spanish Pyrenees. LDE Heritage Conference on Heritage and the Sustainable Development Goals Proceedings (pp. 22-35). TU Delft Open, Delft.

GOMES, C. A. (2011). O Preço da Memória: a sustentabilidade do Património Cultural Edificado. *Journal of Business and Legal Sciences / Revista De Ciências Empresariais e Jurídicas*, 20: 1-21.

INE (2022). Censos 2021. XVI Recenseamento Geral da População. VI Recenseamento Geral da Habitação: Resultados definitivos.
(Acesso em 23/09/2024) <https://www.ine.pt/xurl/pub/65586079>

JUNTA DE FREGUESIA DE ALMOSTER (2017). Centro Interpretativo de Almoster. Plano de Intervenção Medida 10 LEADER. Operação 10.2.1.6—Renovação de aldeias. Arquivo da JFA.

LOUREIRO, F. (1992). O azulejo hispano-mourisco em Portugal. In, *No tempo das feitorias: A arte portuguesa na época dos descobrimentos* (Vol. 1) (pp. 328-331). Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa.

LUZ, P. S. (2022). Almoster. O «milagre» da recuperação da Igreja perdida. In, *Diário de Notícias*, 27 de abril de 2022.
(Acesso em 12/05/2023)
<https://www.dn.pt/local/almoster-o-milagre-da-recuperacao-da-igreja-perdida--14800834.html>

MURZYN-KUPISZ, M. (2012). Cultural, economic and social sustainability of heritage tourism: Issues and challenges. *Economic and Environmental Studies*, 12(2): 113-133.

PINTOSSI, N.; IKIZ KAYA, D. e PEREIRA RODERS, A. R. (2023). Cultural heritage adaptive reuse in Salerno: Challenges and solutions. *City, Culture and Society*, 33: 1-13.

PORTELA, M. (2017). A Capela de S. Salvador do Mundo de Almoester entre os séculos XIII a XVI. Apontamentos para a sua história. *Cadernos de Estudos Leirienses*, Vol. 13: 95-117.

RAMOS, R.; SOUSA, B. V. e MONTEIRO, N. G. (2009). *História de Portugal*. A Esfera dos Livros. 1030p.

REMOALDO, P.; SERRA, J.; MARUJO, N.; ALVES, J.; GONÇALVES, A.; CABEÇA, S. e DUXBURY, N. (2020). Profiling the participants in creative tourism activities: Case studies from small and medium sized cities and rural areas from Continental Portugal. *Tourism Management Perspectives*, 36: 1-12.

RIVIERE, G. H. (1985). The Ecomuseum: An evolutive definition. *Museum International*, 37 (4): 182-184.

RODRIGUES, M. R. S. (s. d.). *Viagens pela história de Alvaiázere*. Câmara Municipal de Alvaiázere. 446p.

UYSAL, M.; LI, X. e SIRAKAYA-TURK, E. (2008). Push-pull dynamics in travel decisions. In, *Handbook Of Hospitality Marketing Management* (pp. 412-439). Routledge, London.